



REDE
TEMPO
BRASIL



UFRJ



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

História Pública Digital: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital

Anita Lucchesi¹

Resumo: O presente texto discorre sobre uma experiência de pesquisa experimental no campo da história, em um recorte mais especificamente denominado história pública digital. Como as experimentações não são muito comuns no âmbito das ciências humanas e sociais, a autora argumenta em favor da adoção crítica de gestos auto-reflexivos que acompanhem a documentação sistemática dos processos decisórios, das escolhas conceituais e de ferramentas dentre outros eventuais desvios que um percurso muito perpassado por tentativas e erros pode implicar. O exercício de documentar o processo é central para o que ela denomina *hermenêutica da prática* e pode ser uma chave importante para que novos experimentos como o descrito no texto – com métodos e ferramentas digitais na história – sejam lidos, compreendidos e, desejando-se, repetidos por outros historiadores, dentro e fora da bolha da história (pública) digital.

Palavras-chave: História Pública Digital; experimentação; crowdsourcing; historiografia; ferramentas digitais; métodos digitais.

Digital Public History: two guesses on other possible stories in the Digital Age

Abstract: The present text discusses an experience of experimental research in the field of history, in a more specific cohort called digital public history. As experiments are not very common in the field of human and social sciences, the author argues in favor of the critical adoption of self-reflexive gestures that accompany the systematic documentation of decision-making processes, conceptual choices and tools, among other possible deviations that a path much fraught with trial and error steps can entail. The exercise of documenting the process is central to what she calls the *hermeneutics of practice* and can be an important key for new experiments like the one described in the text – with digital methods and tools in history – to be read, understood and, if desired, repeated by other historians, inside and outside the bubble of digital (public) history.

Keywords: Digital Public History; experimentation; crowdsourcing; historiography; digital tools; digital methods.

As páginas que se seguem abrem uma conversa com meus colegas historiadores a partir do compartilhamento de algumas notas de pesquisa sobre a minha tese de doutorado, realizada no Centro de História Digital e Contemporânea do Luxemburgo (C²DH)^{II}, de 2015-2020^{III}. O trabalho abordou as interferências digitais no ofício histórico através de uma abordagem mão-na-massa para avaliar criticamente como a componente digital condiciona as diferentes fases da operação historiográfica. Conjugando prática e a teoria, a tese se desenvolveu a partir de estudo experimental em história digital com métodos da história pública, numa expressão particular que se tornou mais frequente nos últimos anos: a história pública digital. Para abordar tanto as implicações metodológicas como teóricas do componente digital na investigação histórica e na prática da história pública, o estudo se estruturou a partir de um caso concreto: o processo de formação de uma plataforma de memória digital sobre narrativas migratórias, tratando mais especificamente das memórias migratórias italianas e portuguesas no Grão Ducado Luxemburgo, país cuja população já em 2015 contava com mais de 45% de habitantes não luxemburgueses.

Nesta conversa, pretendo falar mais sobre os meta-processo da tese que sobre os resultados encontrados no tocante a imigração. É importante, porém, observar como o método buscou se moldar às especificidades da temática e dos sujeitos envolvidos conforme avancei no desenvolvimento do projeto. Portanto, falarei mais das decisões e implicações do método que sobre os achados empíricos sobre a imigração no país. Assim, as reflexões que compartilho partem da experiência de tentativas e erros que marcou a construção do mecanismo de *crowdsourcing* do *Memorecord*^{IV} um agregador digital de memórias que se tornou a coluna vertebral do projeto. Em 2018, quando foi ao ar, ele foi apresentado como um projeto que combina participação comunitária e pesquisa acadêmica para oferecer uma nova perspectiva sobre a história da migração no Grão Ducado do Luxemburgo. O objetivo era testar o método de *crowdsourcing* e avaliar o potencial das novas tecnologias de comunicação e informação para abordar a história de uma forma colaborativa.

Um breve parênteses sobre o contexto nacional também cabe antes de avançar sobre o *Memorecord*. No Luxemburgo, a propaganda nacional em torno da história de sucesso da imigração no país é muito intrigante: “Um país onde mais de 170 nacionalidades convivem harmoniosamente juntas”, tal é a frase que se repete em diversos materiais oficiais, panfletos, relatórios e websites do governo luxemburguês. No primeiro ano da pesquisa, depois de conduzir uma dúzia de entrevistas no formato tradicional *um-para-um*, percebi que o *crowdsourcing* que eu já planejava na proposta inicial do projeto poderia ser ainda mais significativo para o estudo. Nos relatos que tinha ouvido até então, eu tinha encontrado testemunhos que, de certa forma, reproduziam um quadro narrativo específico, que eu podia perceber mesmo a partir de uma pequena amostra de entrevistas. Por isso, uma das preocupações constante do processo de criação dessa plataforma de memória digital participativa, era encontrar uma forma de fazer com que esse mecanismo de coleta fosse o mais aberto e democrático possível *apesar de e em função* também das próprias ferramentas e processos escolhidos para tal. Adiante conto um pouco mais sobre como tudo isso se deu.

Previously na história do Memorecord

O primeiro rascunho do *Memorecord* foi um portal onde os participantes podiam carregar seu conteúdo (fazer upload), muito inspirado em iniciativas de história digital e pública como o Museu da Pessoa (Brasil)^V, e dois outros desenvolvidos pelo Centro de História e Novas Mídias Roy Rosenzweig (RRCHNM)^{VI} – o *Bracero History Archive* (EUA/México)^{VII} ou o *Hurricane Digital Memory Bank* (EUA)^{VIII}. Mas depois de dois projetos e tentativas de *layout*, percebi que ainda poderia ser muito limitado em termos de sensibilização e engajamento de uma comunidade em torno do projeto. Seguindo princípios do design participativo e da ciência cidadã, me reuni com grupos de pessoas interessadas na temática do projeto e as interroguei sobre como gostariam de compartilhar suas memórias e que relevância tal projeto poderia ter. O retorno foi quase uníssono:

ninguém queria compartilhar por compartilhar, as pessoas estavam interessadas que suas histórias fossem lidas e conhecidas pela comunidade, não só por uma pesquisadora. Foi assim que reconceptualizei o processo de crowdsourcing imaginado inicialmente e que, depois avaliei, espelhava muito mais a lógica da Web 1.0 do que as dinâmicas de interatividade do tempo em que eu escrevia a tese. Nesse redesenho, levando em conta o que me disseram os imigrantes que pude ouvir nos meus grupos focais, avancei mobilizando duas redes sociais existentes, Facebook e Instagram, como o principal motor para a ativação do aspecto social da plataforma.

A alma desta aventura experimental com o método de *crowdsourcing* é a participação da comunidade, mas não apenas a participação com ofertas de conteúdo, mas qualitativa, colaborando para a modelagem do projeto em si. Dessa forma, o primeiro pitaco que deixo a partir dessa experiência de pesquisa é que a participação do público precisa ser levada a sério, reavaliada para cada projeto, pois ela pode ser – e espero que se torne, cada vez mais – uma experiência de colaboração que supera os aspectos quantitativo e/ou informativo. Além da escolha do público em nos aproximarmos mais de um modelo de rede social (visibilidade, interatividade e possibilidade de compartilhamentos das histórias), outra vantagem de ouví-los e abandonar meu arcabouço de Web 1.0 foi poder circunscrever a pesquisa nessa nova fase da era digital, em que muitos de nós estamos virtualmente transportando nossas caixas de memória para as plataformas digitais sociais. Esta mudança de rumo, aparentemente técnica, acabou abrindo muitas “janelas” na investigação, tanto de cunho metodológico (estritamente “como fazer”) como em termos de reflexões epistemológicas.

Recentemente temos visto álbuns de família, objetos queridos, mementos de todo tipo, cartas antigas, diários, e outras lembranças passadas que antes estavam no fundo de um baú, num canto do “quartinho da bagunça” ou em uma caixa de sapatos em algum lugar no fundo do armário, estão tomando a forma de objetos digitais. Graças às novas *tecnologias da memória*^{IX} e ao correlato fenômeno das *memórias mediadas*^X. A ubiquidade dos dispositivos eletrônicos e a popularização de câmeras fotográficas digitais, filmadoras, telefones inteligentes e outros dispositivos móveis, além dos computadores pessoais, têm transformado as práticas de memória e, com isso os rituais de compartilhamento também mudaram muito e continuam se atualizando ao sabor do rápido da constante reconfiguração das paisagens midiáticas. Ao mesmo tempo, a internet está permitindo formas sem precedentes de comunicação entre a academia e a sociedade, tanto no que diz respeito à comunicação e divulgação científica, quanto aos métodos de pesquisa que dependem da participação de públicos não especializados.

Da importância de se documentar processos

As análises feitas no calor dessas transformações, como em geral cabe aos estudos do tempo presente, não trazem respostas sobre um quadro definido. Por isso, as reflexões e pitacos aqui podem ter data de validade. É, aliás, sintomático do momento em que vivemos que as avaliações retem abertas devido à velocidade de todas as mudanças neste processo transitório do analógico completo para o digital; ou, como nos mostrou a pandemia, nesse caminhar em direção a realidades mais híbridas. Ironicamente, os esforços de pesquisa que fazemos atualmente limitam-se a um *snapshot* do estado da arte, mas essa instabilidade não deve de modo algum embotar a crítica, muito pelo contrário, como já argumentei em outras ocasiões^{XI}.

Minha pesquisa de doutorado tentou lidar com alguns elementos desta transição, questões que me intrigam desde 2008, quando, serendipidamente, dei de cara com o volume *La Storiografia Digitale*^{XII} numa livraria de Florença e meu interesse pela relação entre história, internet e novas mídias se tornou mais sério. Mais tarde, outras leituras e encontros sinérgicos com o claro interesse em sobre história e internet acabaram me levando ao mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Comparada, sob a orientação do autor de um desses textos semanais para o tema no Brasil, Prof. Dilton Maynard^{XIII}. Na dissertação conduzi uma abordagem comparativa entre os primeiros

anos do desenvolvimento da história digital nos Estados Unidos e da *Storiografia Digitale* na Itália^{XIV}; foi uma pesquisa muito mais reflexiva e teórica sobre o digital, em que avalei projetos, literatura e conceitos com certo distanciamento, por oposição ao que aconteceria no doutorado depois, em que optei por realizar um projeto digital por minha conta. Da pesquisa realizada para a monografia e para a dissertação permanecia um forte interesse em pensar fontes históricas nascidas digitais e também fenômenos da memória no século XXI. A partir daí isolei a memória como um tema na encruzilhada dos meus interesses para o doutorado. Considerando que a memória é uma das principais matrizes na oficina de história, se a dinâmica em torno dela mudar, o ofício do historiador também será alterado, e novas abordagens podem se desdobrar em função da necessidade de lidar com estas novidades. Tal foi minha prerrogativa ao elaborar os problemas e perguntas do projeto de doutorado.

Na tese, discuti como as práticas em torno da dinâmica das memórias na era digital podem afetar a historiografia. José van Dijck rearticulou a noção de *mediação de memórias* num constructo conceitual dialético das memórias mediadas, já aludido acima, não apenas para explicar a intrincada conexão entre coleções pessoais e coletividade, mas também – como ressalta a autora – para ajudar a *teorizar a formação mútua da memória e da mídia*^{XV}. Com este conceito em mente, eu projetei os métodos de pesquisa para minha tese, originalmente intitulada: *Moldando uma plataforma de memória digital sobre narrativas de migração: Um projeto de história pública sobre memórias migratórias em Luxemburgo*; um experimento original em *crowdsourcing* para fins historiográficos.

A idéia central do método experimental que adotei foi aplicar ferramentas digitais para reunir e analisar diferentes fontes, visualizá-las e apresentá-las tanto para a comunidade acadêmica quanto para o público em geral. Parte das fontes para esta pesquisa é baseada em entrevistas de história oral, mas ao lado desta forma bem estabelecida de fazer história, também explorei um terreno mais escorregadio através da jornada interdisciplinar que o *crowdsourcing* se revelou. Os riscos assumidos na jornada, ou seja, desafios para envolver a comunidade, limitações técnicas, implicações éticas, a necessidade de desenvolver uma nova maneira de analisar os materiais coletados, etc., se mostraram pertinentes e válidos em relação ao ganho epistemológico que ela poderia trazer. Em termos de metodologia e teoria, com a colheita de memória proposta com mecanismo #memorecord, eu objetivava:

- ampliar e diversificar da amostra dos participantes da pesquisa – potencialmente adicionando novas vozes à pesquisa;
- libertar os participantes da indispensável, direta, interação comigo – deixando potencialmente mais espaço para sua subjetividade;
- levar em conta o desenvolvimento tecnológico e o papel da interação privada e pública na dinâmica de compartilhamento da internet – permitindo potencialmente a análise da formação mútua da memória e da mídia;
- abordar formas de memórias rápida e fragmentada – potencialmente descarregando a historiografia do paradoxo de trabalhar com memórias através de tipos de dados que, em vez disso, as apresentam como uma unidade ordenada e coerente, enquanto que, na maioria das vezes, fora do ambiente acadêmico, na vida cotidiana, as memórias são evocadas de forma circunstancial, mais frequentemente de forma desprezenciosa e granulada, do que na forma de uma narrativa mais ou menos lógica como as que às vezes aparecem nas histórias de vida e entrevistas de história oral;

Com o avanço da parte empírica do trabalho, foi o processo de autorreflexão sobre todas essas etapas, reavaliações, desvios, erros e acertos, bem como a avaliação se, de fato, aquelas técnicas estavam garantindo que a pesquisa alcançasse os objetivos propostos que culminaram numa das mais significativas elaborações teórica do meu trabalho: o valor de se documentar processos. Esse gesto do compartilhar os detalhes da jornada, os porquês dos processos decisórios, as mudanças

de caminhos e a uma autocrítica contínua quanto a essas escolhas foi o que me fez perceber o valor do que chamei de hermenêutica da prática no dia a dia de uma pesquisa em condições de produção tão novas. O gesto de documentar, partilhas as dores, falhas e sucessos das escolhas e processos adotados pelo caminho não só me ajudaram a tornar explícito algo que parecia implícito mesmo para mim, autora do projeto.

Essa hermenêutica da prática me ajudou a enxergar com mais clareza os não-ditos das condicionantes que o componente digital apresenta aos pesquisadores. E o exercício dessa hermenêutica da prática me ajudou a desnaturalizar o que eu estava fazendo como algo dado ou claro para quem está de fora, me ajudou a apresentar os problemas de forma mais consistente para mim mesma e para meus leitores, fossem eles de dentro ou de fora dos círculos da história ou das humanidades digitais.

Hoje, concluído o projeto, é fácil dizer que os objetivos acima foram alcançados, mas isso não se deu de forma linear, e não sem que eu tivesse que aprender a dominar novas linguagens e capacidades técnicas. Por isso, documentar é fundamental. Do contrário, a aparência coerente do resultado final poderia fazer supor que a construção do projeto fora trabalhosa, como quase toda pesquisa é, mas óbvia, seguindo parâmetros estabelecidos e validados. Não, a criação do projeto passou, em grande medida, pela necessidade de se estabelecer novos parâmetros, dentre eles, a colaboração com outras disciplinas como uma condição básica para a sua realização. Contudo, se não enunciada claramente, a colaboração fica embutida e só é percebida para quem deduz as entrelinhas, porém, nesse caso, a colaboração era um componente por demais estruturante para ser deixada de lado, para não ser abordada em sua complexidade prática e teórica. Por isso, documentar e trabalhar ativamente em favor de uma autorreflexão em projetos realizados nessas searas muito novas, sem grandes protocolos ou cânones estabelecidos se torna uma estratégia de inteligibilidade, uma forma de garantir que qualquer pessoa que leia o trabalho depois possa compreender e, desejando, tentar reproduzir tal experimento. Ora, não é este um dos princípios basilares da ciência?

Para iniciar novas conversas historiográficas

Minha aposta em um modelo de coleta de dados que aproveita a tecnologia digital para se aproximar das pessoas, fora das paredes da Universidade, se converteu, ao longo do caminho, em um argumento em si mesmo, intrinsecamente ligado, como já enunciado acima, a um *ethos* experimental. Desde o primeiro esboço do projeto submetido para a avaliação do Fundo Nacional de Pesquisa Luxemburguês, foi deliberada a escolha de trazer estas questões relacionadas ao digital também para o radar da história da historiografia. Seguindo o conselho de uma pujante contribuição coletiva de um grupo de trabalho do RRCHNM sobre História e Argumento Digital, ao implementar esta abordagem experimental, eu queria estabelecer uma conversa com o resto da profissão, potencialmente promovendo um intercâmbio com colegas de “fora da bolha” da história digital para mostrar como os métodos digitais podem ajudar a disciplina histórica a elaborar e responder velhos e novos problemas.

Furar essa bolha da história digital e iniciar uma conversa com outros colegas da história poderia parecer ambicioso demais. Mas revisitando minhas idéias de mais de uma década atrás^{XVI}, só pude perceber isso como uma reformulação, mais organizada, dos meus questionamentos e impulsos iniciais. Mesmo depois de ter amargado um bocado na aventura de uma tese construída sobre algo experimental, continuo defendendo que correr alguns riscos ao se optar por trabalhar com novas abordagens (riscos de errar previsões, de atrasar processos, de ter que refazer...) é de alta relevância para a historiografia, um campo que por um lado se configura pelo rigor de normas bem estabelecidas de crítica de fonte e práticas de pesquisa do seu tempo, mas, por outro, se encontra enredado numa "inércia disciplinar" de longa data, para usar uma expressão sugerida por François

Hartog^{XVII}, uma inércia que pode dificultar o caminho daqueles que decidem tentar algo novo e não encontram apoio, fomento, espaços de discussão e formação.

Ao longo desse caminho experimental fui enfaticamente a favor de cruzar fronteiras disciplinares, emprestar conceitos daqui e dali, ferramentas e lentes que pudessem me ajudar a adaptar minha maneira de escrever a história de acordo com as condições de produção da história em meu próprio contexto de pesquisa. Uma reflexão maior sobre o peso do contexto institucional de produção ganhou corpo e ocupou quase todo um capítulo da tese, em que um dos meus maiores interlocutores foram dois colegas do C²DH: Max Kemman, com seu trabalho sobre as zonas de contato entre a história e a computação^{XVIII} e Gerben Zaagsma, com seu apelo ao hibridismo como uma espécie de “novo normal” da Era Digital^{XIX}. Kemman e Zaagsma, como eu, integravam o eixo de História e Historiografia Digital no C²DH e ambos acompanhavam de perto os desdobramentos da implementação de um eixo pensado exclusivamente para apoiar e fomentar atividades conjuntas de historiadores, programadores, designers etc.: o setor de Infraestrutura de Pesquisa Digital.

A existência de um eixo dedicado à Infraestrutura de Pesquisa Digital no C²DH estimulava os pesquisadores do centro a se lançarem à experimentação com algumas “redes de segurança”, com profissionais que poderiam ajudá-los a superar desafios técnicos, aprender a criar soluções por si próprios e destravar alguns quebra-cabeças de *software* e processos. Posto de outra forma, posso dizer que fui privilegiada em contar com essa rede de apoio. Por isso, faço sempre questão de dizer que o sucesso final da minha experimentação não se deu por suposto brilhantismo, mas por uma justaposição de fatores favoráveis. E, para concluir, com o intuito também de convocar os colegas a refletirem e reverem as organizações de seus espaços, gostaria de destacar o mais relevante deles: a existência de um ambiente de trabalho que estava aberto e estimulava, apoiando com recursos variados, a criação de projetos como o meu.

Por fim, dito tudo isso, o segundo e último pitaco que deixo, como professora e como pesquisadora, é pela necessidade da experimentação tanto na pesquisa quanto no ensino de história, mesmo que as abordagens especulativas possam soar arriscadas ou pouco científicas para alguns pares. Fazer ciência – como me advertiu, diversas vezes, o prof. Andreas Fickers ao longo das nossas reuniões de orientação – é também criar incertezas. Avante!

Notas

^I Anita Lucchesi é Doutora em História pela Universidade do Luxemburgo (UNILU, 2020) e Mestra em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ, 2014), onde também concluiu Bacharelado e Licenciatura em História (2011). Entre outras afiliações, faz parte da Rede Brasileira de História Pública e é também membro do comitê diretor da Federação Internacional de História Pública. Dedicar-se a pesquisas na área de História Digital, História Pública, Ensino de História, História do Tempo Presente e História Comparada, com ênfase na interface entre tecnologias digitais, estudos de memória, história da migração, ensino e divulgação científica da história.

^{II} Disponível em: <https://www.c2dh.uni.lu>

^{III} Deste trabalho, surge a tese *For a New Hermeneutics of Practice in Digital Public History: Thinkering with memorecord.uni.lu* <https://orbi.uni.lu/handle/10993/45831>

^{IV} Disponível em Português, Italiano, Inglês, Francês e Luxemburguês em: <https://memorecord.uni.lu>

^V Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/home>

^{VI} Disponível em: <https://rrchnm.org>

^{VII} Disponível em: <https://braceroarchive.org>

^{VIII} Disponível em: <https://hurricanearchive.org>

^{IX} HOUSE, Nancy Van, and CHURCHILL, F. Elizabeth “Technologies of Memory: Key Issues and Critical Perspectives.” *Memory Studies* vol. 1, no. 3 (September 1, 2008): 295–310.

^X DIJCK, Jose van. *Mediated Memories in the Digital Age*. Stanford, Calif: Stanford University Press, 2007.

^{XI} LUCCHESI, Anita. A história sem fio em tempos de Google, Infonet, 17 de março de 2022. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/getempo/a-historia-sem-fio-em-tempos-de-google/>

^{XII} RAGAZZINI, Dario. *La storiografia digitale*. Torino: UTET libreria, 2004.

^{XIII} Prof. Dilton Maynard foi autor de um dos primeiros textos de fôlego sobre as relações entre história e internet no Brasil. Quando perguntado por e-mail sobre a possibilidade de orientação, a resposta (positiva e provocativa) fora

enviada a partir de seu *iPad*. Desde então, nossa interlocução continua. Ver: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. 1st. ed. Rio de Janeiro: FAPITEC/MULTIFOCO, 2011.

^{XIV} LUCCHESI, Anita. **Digital History e storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da histórica no tempo presente (2001-2011)**. Dissertação de Mestrado em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História Comparada, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

^{XV} DIJCK, idem.

^{XVI} Meus primeiros esforços de pesquisa sobre o tema resultaram na monografia de fim de curso apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Andrea Casa Nova Maia em 2011 e, mais tarde, premiada com publicação em eBook pela Sociedade Brasileira de Teoria da História e da Historiografia. Ver: LUCCHESI, Anita. *Historiografia em rede: história, internet e novas mídias: preocupações e questionamentos para historiadores do século XXI*. In: MARTINS, Estevão C. de Rezende; MOLLO, Helena Miranda (Orgs.). **Desafios e Caminhos da Teoria e da História da Historiografia 2012**. Mariana: Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, 2015, v. 1, p. 9–52. (Coleção concursos SBTHH).

^{XVII} HARTOG, François. *El historiador en un mundo presentista*. In: Devoto, Fernando (Dir.). **Historiadores, ensayistas y gran publico: la historiografia argentina 1990-2010**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2010

^{XVIII} KEMMAN, Max. **Trading Zones of Digital History**. University of Luxembourg, Esch-sur-Alzette, 2019.

^{XIX} ZAAGSMA, Gerben. *On Digital History*. **BMGN - Low Countries Historical Review**, v. 128, n. 4, p. 3–29, 2013.

Referências

DIJCK, Jose van. *Mediated Memories in the Digital Age*. Stanford, Calif: Stanford University Press, 2007.

FRISCH Michael. *A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*. SUNY Press, 1990.

HARTOG, François. *El historiador en un mundo presentista*. In: Devoto, Fernando (Dir.). **Historiadores, ensayistas y gran publico: la historiografia argentina 1990-2010**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2010

HOUSE, Nancy Van, and CHURCHILL, F. Elizabeth “Technologies of Memory: Key Issues and Critical Perspectives.” *Memory Studies* vol. 1, no. 3 (September 1, 2008): 295–310.

KEMMAN, Max. **Trading Zones of Digital History**. University of Luxembourg, Esch-sur-Alzette, 2019.

LUCCHESI, Anita. *A história sem fio em tempos de Google*, Infonet, 17 de março de 2022. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/getempo/a-historia-sem-fio-em-tempos-de-google/>

_____. **For a New Hermeneutics of Practice in Digital Public History: Thinkering with memorecord.uni.lu**. University of Luxembourg, Esch-sur-Alzette, Luxembourg, 2020. Disponível em: <<https://orbilu.uni.lu/handle/10993/45831>>. Acesso em: 7 fev. 2021.

_____. *Historiografia em rede: história, internet e novas mídias: preocupações e questionamentos para historiadores do século XXI*. In: MARTINS, Estevão C. de Rezende; MOLLO, Helena Miranda (Orgs.). **Desafios e Caminhos da Teoria e da História da Historiografia 2012**. Mariana: Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, 2015, v. 1, p. 9–52.

_____. **Digital History e storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da histórica no tempo presente (2001-2011)**. Dissertação de Mestrado em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História Comparada, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. 1st. ed. Rio de Janeiro: FAPITEC/MULTIFOCO, 2011.

RAGAZZINI, Dario. *La storiografia digitale*. Torino: UTET libreria, 2004.

ZAAGSMA, Gerben. On Digital History. **BMGN - Low Countries Historical Review**, v. 128, n. 4, p. 3–29, 2013.